

A NOVELLA SEMANAL



BREVEMENTE: "A NOVA PLEIADE"

COLLECÇÃO de pequenos livros de versos a se publicar sob a direcção de Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) e destinada a vulgarizar as obras dos poetas novos de grande merecimento, ainda pouco conhecidos do publico.

CADA volume, caprichosamente confeccionado, impresso a duas cores em excellente papel, com artisticos ornatos e solidamente encadernado, será vendido a 2\$500.

Na NOVA PLEIADE somente serão publicadas obras de verdadeiro valor.

Iniciaremos a collecção com o primoroso livro **MANHA** do poeta paulista **Graccho Silveira**

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO — Rua Dr. Abranches, 43 — Caixa, 1172 — S. Paulo



A NOVELLA SEMANAL

DIRECTOR: BRENNO FERRAZ

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Para os 30 milhões de brasileiros, mesmo descontados os analfabetos, as tiragens dos livros nacionaes são ridiculas. E as edições pequenas encarecem o livro, limitam-lhe a expansão, impedem a razoavel remuneração dos auctores. Vivemos, assim, num circulo vicioso: o livro não se diffunde entre nós porque é caro e é caro porque não se diffunde. Isto succede com o livro bom, pois dos de fancaria se tiram por ali dezenas de milhares e se esgotam edições sobre edições...

Esta situação, de tão funestas consequências para o paiz, suggeriu a iniciativa da criação deste periodico, que representa um esforço no sentido de vulgarizar a boa litteratura.

Popularizar o livro, tornal-o accessivel a todos, sem descuidar de o fazer ao mesmo tempo o mais attraente possível pela escrupulosa escolha da materia e pela artistica confecção de cada volume, e depois usar de todos os meios para o diffundir em todo o territorio nacional, de fronteira a fronteira, e entre todas as classes sociaes, desde as mais cultas ás menos letradas — eis ahí, resumido em poucas palavras, todo o nosso programma.

Participando ao mesmo tempo da natureza do livro e da revista, A NOVELLA SEMANAL pretende reunir as vantagens desta e daquella. Como a revista, será de leitura leve e variada, será vendida a preço infimo, será apregoada nas ruas, nas estradas de ferro, em toda parte, a toda gente; mas não será futil e de interesse ephemero como ella: pelo fundo — pela qualidade e pela extensão da materia — constituirá uma verdadeira série de pequenos livros, que se encadernarão no fim de cada trimestre, em bellos volumes com os quaes se formará uma bibliotheca litteraria realmente preciosa.

Pretendendo ser lida, muito lida, lida por homens e creanças, senhoras e moças, ricos e pobres, letrados e curiosos, pela totalidade, emfim, da população leitora, procurará nos auctores a vida, a acção, o interesse, de modo a constituir o verdadeiro livro popular.

Destinando-se a se tornar um instrumento de propaganda das boas letras — dos melhores auctores e dos melhores livros nacionaes — não se limitará a publicar trabalhos inéditos. Não seria este o melhor meio de se cumprir esta parte do programma traçado, havendo por ahí, esquecida e ignorada da maior parte do publico, tanta coisa optima a pedir um editor. Assim, A NO-

VELLA SEMANAL se propõe a salvar do olvido as melhores paginas esgotadas e as sepultadas em collecções de jornaes e revistas — preciosidades que representam um opulento thesouro litterario quasi de todo desconhecido e inacessivel. Das obras ainda em extracção no mercado livreiro, destacará — a exemplo do que se faz em varios paizes, em anthologias de grande e pequeno tomo, didacticas e populares, e em publicações periodicas — as que sejam a melhor mostra do livro e do aucter, de sorte a despertar nos leitores o desejo de ler os livros que, sem esse reclame, *muitos provavelmente nunca leriam. E isso fará fornecendo ao mesmo tempo todas as indicações precisas para que qualquer pessoa possa fazer encomenda, ao seu livreiro ou directamente ao editor, da obra da qual se apresentou aqui uma pequena amostra e das outras obras do mesmo auctor. Esta publicação constituirá, portanto, ao mesmo tempo que um abundante repositório de informações bibliographicas, uma selecta de pequenas obras excellentes, organizada com o fito de tornar melhor conhecida a nossa litteratura, deuto das nossas proprias fronteiras.

Não viveremos, porém, de alheia seiva. Teremos a nossa colaboração especial, de um punhado dos mais notaveis escriptores contemporaneos e acolheremos com prazer — e remuneraremos — todos os trabalhos interessantes que nos sejam enviados por auctores conhecidos e desconhecidos, consagrados e estreautes, comtanto que taes obras tenham valor e sejam conformes com a feição d'A NOVELLA, isto é, que tenham pequena extensão e possam ser lidas por toda gente.

Preferimos dar maior desenvolvimento á edição do conto e da novella nestes volumos por serem esses os generos que contam, entre o publico, maior numero de apreciadores. Mas não nos restringiremos a elles, embora delles tenhamos tirado o titulo desta publicação. Todos os outros generos terão o seu logar no nosso supplemento, verdadeira gazeta litteraria de pequenas proporções, onde se encontrará um pouco de tudo e só do melhor.

Eis ahí ao que vem A NOVELLA SEMANAL, que se colloca á disposição do publico, dos auctores e dos editores, aos quaes deseja servir e dos quaes espera receber um acolhimento sympathico.

OS EDITORES.

Aos auctores

Acceptamos com prazer toda colaboração interessante para qualquer das secções deste periodico.

Os auctores devem nos remetter os seus trabalhos, declarando o seu nome, endereço e o preço pelo qual nos offerecem a sua colaboração.

Os originaes devem ser escriptos de um só lado do papel, em calligraphia bem legivel e de preferencia dactylographados.

Toda a correspondência deve ser endereçada á Sociedade Editora Olegario Ribeiro — Caixa postal n. 1172 — S. Paulo.

Aos editores

A NOVELLA SEMANAL publicará com prazer, e gratuitamente, o titulo, nome do auctor, preço e nome e endereço do editor, de todas as obras editadas no Brasil, bastando para isso que os editores lhe enviem aquellas indicações.

De todas as obras das quaes lhe for remettido um exemplar, publicará além disso uma noticia critica.

Aos leitores

A NOVELLA SEMANAL ambiciona ser lida em toda parte: cidades, villas, povoações, estradas de ferro, navios, hotéis, clubs, bibliothecas, etc., estando por isso organisando um serviço de distribuição que será o mais completo possível, de sorte a não haver ponto do territorio nacional onde não tenha leitores e não seja encontrada á venda. Para obter este resultado contamos com o auxilio dos nossos leitores, aos quaes pedimos que nos indiquem endereços de livrarias, agencias e vendedores de jornaes e pessoas e instituições que possam se interessar pela venda ou leitura deste periodico em qualquer localidade, por insignificante que seja.

Interessados tambem em conhecer os escriptores e poetas de merito de todos os Estados e de todas as épocas, affim de lhes poder divulgar a obra, muito agradeceremos qualquer indicação que a este respeito nos seja fornecida, rogand a todos quantos

queiram nos auxiliar neste trabalho que nos enviem relações de auctores e de livros publicados, de modo a nos habilitar a adquirir os volumes para os examinar.

Importante

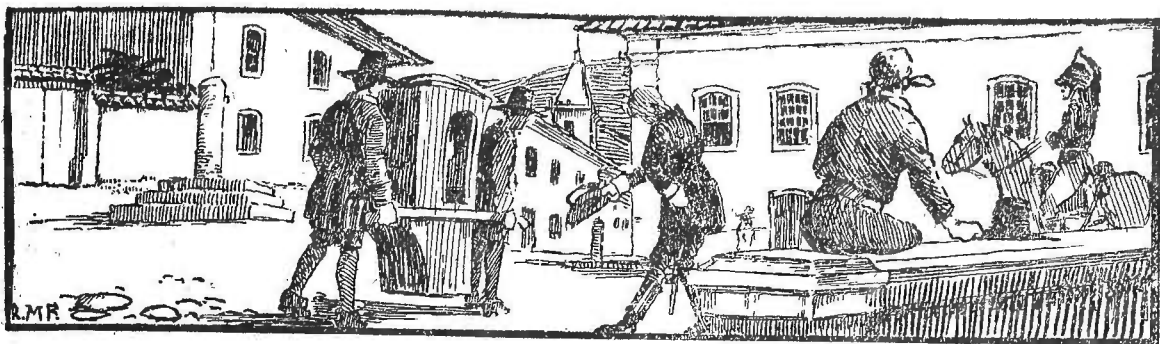
Toda pessoa que angariar tres assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL, enviando nos adiantadamente a respectiva importancia, terá direito a uma assignatura gratuita.

A toda pessoa que angariar qualquer numero de assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL offereceremos a titulo de brinde, livros, escolhidos no catalogo de qualquer livreria do Brasil, no valor de 20 o/o sobre o preço total das assignaturas angariadas.

Assignaturas

Anno	20\$000
Semestre	10\$000
Trimestre	5\$000
Numero avulso	\$400

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO - R. Dr. Abranches, 43 - Caixa Postal, 1172 - Teleph.: Cidade, 5441 - S. PAULO



A FAÇANHA DO IMPE-
RADOR — Theodoro
Magalhães.

QUERER BEM — Afranio
Peixoto.

ULTIMO LANCE — Alui-
zio Azevedo.

SUMMARIO

SÃO JOSÉ — (A. R. B.)—
Thomaz Lopes.

SUPPLEMENTO — A vida
anecdótica e pittoresca
dos grandes escriptores
— Olavo Bilac — MARIO

DE ALENCAR.

Vida literaria — Capiteas li-
terarias - No Brasil e na
Italia — Tradição e novi-
dade em poesia.

Curiosidades literarias —
Helena, « a dos braços
brancos ». - Helena, « a
das bellas faces ».

A FAÇANHA DO IMPERADOR

(CHRONICA DO 1.º REINADO)

Tocava trindades e d. Pedro, recostado num canapé antigo, entre duas almofadas de bordado azul, vio entrar, inesperadamente, nos seus aposentos, o laçao privado, teso e rijo, comprimido na desbotada librê de pano verde.

O principe, naquele dia, não saira do palacio. Repousara o corpo dolorido pela queda que soffera, na vespera, tentando escalar a janela de um sobradinho do caminho do Vallongo para espreitar uma mulher. Precisava de descanso.

Inquietou-se á chegada do págem a quem dera ordens terminantes de não chamar. Os negocios da corôa não exigiam, a toda a hora, a sua presença em conselhos de ministros, deliberando sobre as medidas que fosse mister adotar no escôpo de soffrear a luta de raça entre portuguezes e brasileiros. Depois, si algo de monta surgisse, José Bonifacio podia resolvê-lo.

Vendo o criado aparecer apressado e quebrar as determinações expressas, dispostas, pela manhã, na sala dos despachos, levantou-se coxeando a perna esquerda e interpellou em tom contrariado:

— Que ha ?
— Uma carta urgente para Vossa Magestade.
— Quem a trouxe ?
— Desconhecido emissario, que apeiou ao portão da Quinta, entregou a missiva ao reposteiro de V. M. e desapareceu sem proferir uma só palavra.

D. Pedro deixou transparecer-lhe nos labios um ligeiro sorriso de contentamento e rosneou comsigo : — « Alguma entrevista para amanhã. » E, pausadamente, rompeu o laçre que fechava a correspondencia. Leu-a e empalideceu. Um cursivo fino e miudo lhe narrava, em meia pagina, factos de alta gravidade. Mordeu os beiços amarfanhando o papel, olhou distraidamente o retrato de seu irmão d. Miguel que pendia da parede e indagou :

— Veio alguém hoje procurar-me ao paço ?

— Os ministros de V. M. Ha pouco se retirou s. exa. o sr. Carneiro de Campos e, no salão, conversa com S. M. a Imperatriz o sr. José Bonifacio.

— José Bonifacio ! — repetio o imperador, arregalando o sobr'olho — lnda bem. Dize-lhe que me espere e não saia sem primeiro falar-me.

O pagem ia a transpor a porta, quando o principe o deteve, ordenando-lhe :

— Previna, depois, ao commandante Pardal que me deve aguardar, dentro de quarto de hora no roseiral, preparado como na excursão de quinta feira.

— V. M. adoentado vai sair ? objectou o fâmullo. É uma imprudencia, meu senhor !

— Cala-te e avia-te.

Sem articular mais uma só frase, o domestico particular do imperador do Brasil escoou-se pelo umbral da porta, dobrando a fronte em reverencia cerimoniosa. D. Pedro abriu o armario de páo santo que seu pai trouxera de Cintra, apaihou a capa larga de pano felpudo, o chapéo vareiro que costumava usar nas suas aventuras nocturnas, meteu na cava do casaco o punhal de cabo lavrado e se dirigiu pelo corredor que dava acesso aos fundos do palacio. Atravessou-o vagarosamente; não havia ninguém. Desceu uma escada de pedra e ganhou a alameda de bambús. Chiavam ratos nas moitas e, sobre a terra em socego, caía pesada a sombra espessa de uma noite estrelada. Serena tranquillidade se espalhava por todo o parque envolto em densa escuridão. D. Pedro deu alguns passos e por traz das ramagens fitou á distancia a sala illuminada, distinguio junto ao peitoril da janela uma cabelleira branca anelada que circumdava luzidia calva. Méneou a cabeça: acabava de certificar-se de que José Bonifacio ainda esperava por êle.

* * *

Uma equipagem corria veloz pela estrada de S. Cristovão, á calada da noite. Ia silenciosa, rumo da cidade. Montados em cavalgadas desferradas, homens embuçados bamboleando sobre as sellas, aconchegavam-se ao lombo das alimarias, aquietadas, afim de não despertarem suspeitas ou evitarem descobrisse alguém as suas fisionomias durante aquela jornada nocturna. Caminhavam cautamente. Naquele bando se encontrava d. Pedro, o imperador do Brasil, cujo poder andava jogado nas conjurações de uma loja maçónica. O principe era precavido mas intimorato e, sempre que queria vaguar a desoras ou se meter n'alguma empresa amorosa, difficil e recatada, procedia por aquela forma, organizando a sua comitiva, com lacaios, soldados e officiaes de sua privança. Pretendia, á densa escuridão, envolver-se numa arremetida arriscada; avisara o commandante que, recebendo o recado do soberano, compreendeu a natureza da tarefa que lhe era recomendada.

D. Pedro, sombrio, preocupado e mudo, florindo robusta mocidade, atingiu as imediações de Mata-cavalos, quando o capitão Pardal, engançado numa mula alazã, estacou e pulou num salto. Todos pararam tambem e o principe, embrullhado no seu manto negro, deu com a redea na cavalgada, acerçou-se do militar e perguntou-lhe:

— De que receias?

— Preciso apertar as estribeiras. Vamos cortar o atoleiro e não confio no animal.

— Não te afflijas. Os caminhos estão bons, atravesssei-os ante-hontem, de volta dos Barbonos a toda a brida sem nenhum incidente.

Mal acabava de falar, D. Pedro divisou ao longe uma malta que, á lumieira de intensos archotes, quebrava a placidez daqueles sitios com as passadas fortes e cadenciadas no solo empedernido.

O monarca travou do braço do commandante Pardal, apressado, inquieto, e atirou-o para cima da sela murmurando:

— Toca a montar, sem demora, podemos nos comprometer. Rapido sumio-se á volta da azinhaga de Mata-cavalos a caravana real. Fugia receiosa de um rancho que, ao clarão dos fogachos, vinha resar o terço junto á peanha de pedra do canto da rua do Conde da Cunha.

A torre dos capuchos do Castelo badalava oito horas e D. Pedro chegava com sua gente ao paredão do mosteiro d'Ajuda. Apeou-se, deixou uma ordenança guardando os animaes e andou a pé, com o seu séquito, direito á Guarda Velha. Pisaram sem fazer rumor até ao portal do antigo quartel [do commando das armas. Na rua era imenso o socego e só se escutava o marulhar pacifico das ondas quebrando nas anfractuosidades do boqueirão de Santa Luzia.

O principe mirou o edificio: não descobriu ninguém. Galgou uma janela e espreitou por uma fresta; notou luzes dentro; pôs o ouvido alerta e verificou que falavam á surdina. Desceu e, segurando o cunhal da arma que ocultava, nervoso, cheio de raiva, rosnando pragas, fincou um murro na porta: os homens da sua companhia, embaraçados e decididos, aperraram as pistolas. Bruscamente, de fóra ouviu-se um barulho estranho: — arrastado de cadeiras, mover de mesas, correrias rapidas transformaram toda a tranquillidade que existia no interior daquela casa. Teve um impulso o principe: abater a golpes fortes a porta e entrar sem detença. Reflectio. Voltou-se para o capitão e disse-lhe, apenas:

— Mandé guardar o outro lado por dois homens de coragem.

Á gente do imperador fitava-o admirada, sem perceber-lhe os intuitos. Tambem, nenhum d'aquelles officiaes, obedientes vassallos, se atrevera a fazer-lhe a mais leve inquirição. Compreendiam que qualquer coisa de impetuoso, de apaixonado, de energico, agitava o animo do monarca habi-

tuado ás emoções, caloroso, afoito, insubmisso e brutal: não lhe decifravam os motivos da resolução intempestiva, trazendo-os de longa travessia até aquele logar onde lhes parecia prestes inevitável assalto de consequências temerosas.

Cessara a bulha escutada da rua, o vozear de pessoas em sobresalto subito se extinguiu e a casa voltou á quietude primitiva. Teriam escapado? — calculou consigo d. Pedro. Torneou êle, então, o sitio, interrogou as suas vedetas e se convenceu de que ninguém havia saído. D. Pedro projectou, de sopetão, violar aquella casa; tinha auxiliares que não receariam em coadjuval-o: — cometeria uma imprudencia, sem exito para os seus fins? Bosquejou diferentes alvitres e todos ofereciam seus inconvenientes. Começou a impacientar-se: a porta continuava fechada e o silencio inalteravel. Ia a chamar um soldado, hesitou e mudou de proposito. Chamejou-lhe no cerebro uma idea perversa e hipócrita: — dobrando o indice, vagorosamente bateu tres vezes no umbral gritando:

— Democracia e independencia! Um irmão pede entrada no templo!

Do interior uma voz timbrada bradou «Guatimosim» e, em seguida, claro e ordenativo alguém disse: — «Dêem ingresso ao arconte-rei.»

Os ferrolhos correram na aldrava e a porta abriu-se. O imperador, com o seu acompanhamento, transpôs a soleira e descobrindo a cabeça para que bem o vissem com a fisionomia desafiadora, o olhar afrontoso e rispido, o gesto arrogante e provocador, aparecia, atrevida e audaciosamente, diante de numerosa assembléa. Tinha alcançado o recinto do Apostolado.

Na sala larga, mobiliada com cadeiras de espaldar, e uma pesada mesa quadrangular sobre um estrado tosco, reuniam-se naquela noite os mações que obedeciam ao partido de José Bonifacio e se tinham desligado do Grande Oriente.

A' aparição do monarca, todos se puzeram de pé, com os braços alçados e as mãos firmes segurando delgados floretes, em cujas laminas radiavam as chammas dos bugios das serpentinas. D. Pedro não estranhou aquella recepção singular; regulava o rito da sociedade secreta, por prudencia ou valentia, que os congregados esperassem, de armas em punho, os intrusos e retardatarios que interrompessem as deliberações da loja. Os officaes do imperador, ignorando tão exquisita liturgia, desembainharam as espadas e investiram para aqueles homens que, de aspecto

tenebroso, os rostos carrancudos, demoravam-se imoveis, quasi petrificados, parecendo estatuas guerreiras enfileiradas em postura de defensiva. O imperador, porém, ante a bruteza de seus soldados, enfrentou-os de braços abertos, colérico, as faces avermelhadas e gritou com retumbancia:

— Estupidos! Quem dá aqui ordens senão eu? Vá, canalha, para o vestibulo!

Rápido, aqueles homens se retiraram obedientes, submissos, cabisbaixos. A sala voltou á tranquillidade e o soberano andou em direitura á presidencia.

— Quem estava a dirigir a sessão? indagou d. Pedro intimativamente.

— Eu! — murmurou do fundo da sala um personagem que, encostado a uma colunata, altaneiro e intemorato, a mão na cava da casaca de briche, o braço caído no espaldar de uma cadeira de estofo, em sentinela ao pequeno cofre de ferro que encerrava documentos secretos, espreitava toda aquella scena, pronto, na hora decisiva, a derrubar os candelabros de prata e estabelecer a confusão dentro do recinto invadido.

A resposta monossilábica e expressiva que escutára sacolejou os nervos ao imperador. Voltou o monarca o rosto para o sitio donde lhe falavam, resolutos a cometer qualquer desforço contra o insolente que lhe falava atrevidamente. Recuou, porém, do proposito: fixo, inalteravel, apenas com um leve sorriso de escárneo, o imperador tinha diante de si o tipo arrojado de Antonio Carlos. Domina-se; poupa-se a um desatino e rosna fitando-o de soslaio:

— Tú, meu peralta! Levaste a taramelar, aqui, ha pouco, cousas contra mim. E teu irmão, esperando-me no paço. Onde anda Martim Francisco?

— Antes de satisfazer-lhe ás suas perguntas, cabe-me inquirir-lhe como ousou penetrar neste templo, acostado á sua baderna para quebrar o sigilo desta loja e afrontar-nos em hora de trabalho e cuidados.

— Irás já conhecer os intuitos do teu príncipe.

— Cá dentro, d. Pedro não é o imperador do Brasil, mas o irmão mação, iniciado, e sujeito ás disciplinas severas da ordem.

— Tens rasão! Sou o arconte-rei — fez-me bem lembrá-lo. No uso das minhas funções assumo a presidencia.

E sem dar tempo a Antonio Carlos se mover, intrepido, num salto, trepou ao alto do estrado. O irmão de José Bonifacio deteve-se, estupefacto daquelle gesto brusco; agitou-se porém e, segu-

rando a faca occulta, com um ronco de raiva a rumorejar-lhe na garganta, arrojou-se para cima da mesa onde se esquecera do escriptorio bronzeado que, costumadamente, guardava os compromissos solenes á execução de qualquer plano assentado na sociedade secreta. O imperador soltou um rugido estridente, apertando nos seus dedos possantes os fracos pulsos de Antonio Carlos; abateu-o, subjogou-o, atirou-o ao soalho, apoderando-se immediatamente do objecto da disputa; empoleirado na mesa, arfando de cansaço e furia, a fisionomia descomposta á palidez que a luta lhe causara, virou-se para os circumstantes que, acovardados, assistiam áquele incidente e determinou-lhes com os labios tremulos de fadiga:

— «Retirem-se, senhores; está dissolvido o Apostolado».

Antonio Carlos já afastado, irado, a face crescendo odio, o olhar tresvariado, numa convulsão indomavel, corajosamente, investio de novo para a mesa e arrebatou, no impulso raivoso de seu gesto, o maço de manuscritos onde d. Pedro espalmará a sua mão truculenta. Puxou-os, estrefegaram-se.

O Andrada baixou a frente e mirando, doloridamente, os fragmentos de papel que rolaram ao solo, gemeu, vencido, profundamente magoado.

— Destruíu-me muitas horas de estudo!

O principe, lendo o sentimento de Antonio Carlos prostrado na sua attitude contemplativa e triste, interrogou-lhe respeitoso:

— Que era isto?

— Um projecto de constituição!

— Para prejudicar o soberano?

— Para garantir a Corôa.

Imediatamente d. Pedro afastou-se sem nada retrucar e, ganhando o vestibulo, pronunciou o nome de um dos seus officiaes.

A sala ficou vazia; no chão voavam á brisa que soprava do lado do mar folhas dilaceradas; ouviam-se fortes pancadas de um pendulo oscilando vagarosamente; Antonio Carlos, extenuado, deprimido, procurou encostar-se ao peitoril da janela; voltou para fora o rosto e lobrigou, á escuridão da noite, os vultos dos companheiros enfileirados sob a vigia da escolta do imperador. Saiu daquele sitio e foi se collocar proximo ao vão de uma porta escondida por trás do reposteiro de damasco.

Quando o principe regressou ao salão donde expulsara os seus antigos confrades da maçonaria, encontrou-o totalmente abandonado; calmo, notou-lhe a enorme desordem. Parecia que, ali,

a voragem de um tufão tudo revolvera: — moveis partidos, documentos esraçalhados no soalho empoeirado e, até, o seu chapeo braguense, tombado de um sofá desconjuntado denunciavam o desarranjo da officina do Apostolado. Observou, de relance, a força de sua audacia, a ascendencia da sua soberania: era rei, fôra-lhe gloriosa a façanha, desmanchando a assembléa, debandando o agrupamento onde ontr'ora confabulara á conquista do trono. Correu, então, o olhar por todos os lados á cata de Antonio Carlos, não o achou; foi á janela, não o vio; — percebeu através a cortina adamascada que pendia ao fundo da parede, a claridade de um aposento. Estendeu o braço, empurrou o reposteiro e entrou: havia lá dentro uma parede que dava accesso a uma escada escusa — chegou até ao patamar e ouviu em baixo o rumor de uma passada. D. Pedro teve nos labios insultuosa obscenidade: Antonio Carlos acabava de desaparecer por uma saída falsa.

* * *

Galopando a toda a brida na mais fogosa alimaria de que dispunha áquella noite, D. Pedro entrava na quinta de S. Cristovão com a frente contraída pelo cansaço da carreira. Pulou da sela, atravessou o mangueiral copado, subio ao terraço e parou no terraço do palacio. Um murmuro de folhagens que a ventania balouçava percorreu o espaço; levantou os olhos para o céu, tinham desaparecido as estrellas e nuvens densas corriam prenunciando a tempestade. Consultou o relógio de ouro que pertencera a d. José 1.º e, sob a aureola de luz da candeia, vio que era tarde, pouco faltava para as onze horas. Pensou consigo: inda estará José Bonifacio á minha espera? Nisto, debruçado sobre a amurada de pedra, deparou-se-lhe em attitude submissa um negro que, de calça de ganga e chapéu sombreiro, mascava um rolo de fumo.

O monarcha abordou-o, interpellando:

— Que fazes ai?

— Trouxe uma carta para o sr. José Bonifacio.

— Para o sr. José Bonifacio? repetio D. Pedro abanando a cabeça em movimento de surpresa. Calou-se durante alguns segundos, de pé, batendo com o chicote de montaria no acicate da botta de couro. Depois, tocou levemente no ombro do preto e disse-lhe, simulando conhecer a precedencia da missiva.

— Vens da casa do sr. Antonio Carlos?

Não teve resposta; insistio com afabilidade e ouviu o tímido mensageiro pronunciar afogadamente:

— Venho de mando do sr. Martim Francisco.

— Que ha pouco recebeu a visita do irmão — acrescentou o principe.

Titubeante, confuso, transluzindo no seu embaraço a confirmação da pergunta, o emissario do Andrada balbuciou timoratamente:

— Sim, meu senhor!

— A trindade vai confabular, rosnou consigo o bragança. E, galgando num ápice a escada, entrou no salão. José Bonifacio lia uma folha escripta em desordenada caligrafia, junto á serpentina de prata que guarnecia o alto aparador de marmore; despertou-o a aparição brusca do dinasta que, desafivelando a capa, sentou-se ao sofá de carvalho, cruzou a perna, esticou o busto para traz e, agitando o rebenque, falou com zombaria.

— Apanhei o melro do teu irmão conspirando contra meu poder na sessão do Apostolado: fugio, receiando que eu o prenderia. Também, dissolvi aquele antro de desordem. Patifes! E soltou uma gargalhada forçada, estridente, ironica.

José Bonifacio, transido, mas numa dissimulação delicada, aproximou-se do rei e replicou:

— Soube já do acto de V. M. Não o comento porque me não merece classifica-lo. Agradeço-lhe a sua gentileza pouco fidalga, retendo-me em sua casa durante tres horas enquanto cometia, á traição, essa façanha grotesca e violenta, amparado de aguazis, garantindo-se de soldados mercenarios. V. M. tentou inutilizar amigos e maltratar servidores liais que sempre o respeitaram.

— Não devo admitir no meu imperio a infamia de associações secretas.

— Tem razão. Ellas respondem por grandes crimes; tramaram o *Fico*, conjuraram a Independencia e collocaram no trono do Brasil um principe aventureiro!

—Desaforo! rugio quasi alucinado D. Pedro, levantando-se livido, num impeto de desespero!

— Alto! retrucou José Bonifacio espalmado no ar sua mão já rugosa. Seu pai o disse e V. M. o confirmou quando, partindo para o Ipiranga, me perguntou confidencialmente si, retardada a independencia, os brasileiros proclamariam o governo republicano.

— Adulteras sempre os meus pensamentos, obtemperou o rei, vencido ante a eloquencia dos factos. Tens sobre mim a finura da astucia, aliada a inegavel cultura. Pensas acovardar-me. Absolutamente, meu caro...

« O préstimo da maçonaria está terminado; acabou-se o tempo das conspiratas e o Brasil não

pode estar á mercê dos caprichos dos Andradas — faiscou com malevolencia e aleve.

José Bonifacio magoou-se; picara-lhe o despeito; mas não se perturbou. Tirou do nariz adunco os suas lunetas d'ouro, encavalou-as na abertura do colete e, cruzando os braços, objectou ferino:

— Os Andradas só se teem esforçado á causa da Patria, da terra onde nasceram: V. M. não dirá o mesmo; rebelou-se contra Portugal e tirou-lhe a mais rica colonia, usurpando poderes. Não cabe a V. M. a culpa desse acto de que, talvez, esteja arrependido; toca a mim e a meus irmãos que auxiliavam V. M. em tão nefasta empreza, visando, embora, a liberdade do Brasil.

— Gralha com penas de pavão! A obra da Independencia não é tua exclusivamente. Pertence a outros tambem: Frei Sampaio, Ledo, José Clemente — bradou D. Pedro.

Atagantado no seu orgulho, escutando do monarca o elogio ao nome de Ledo, experimentou um estremeção de ira. Turvou-se-lhe a vista e deixou-se cair no estufo de uma cadeira de braços. Houve um grande silencio. D. Pedro teve um leve transporte de contentamento porque conheceu que enraivecera o seu valido; em seguida, decorridos alguns minutos, fingindo carinho, indagou?

— Que tens ó José? Alguma denuncia? José Bonifacio agitou-se num repêlão subito e com sobrançeria explicou:

— Pensava numa resolução. Tomei-a. Nem Martim Francisco nem eu somos ministros de V. M: reconhecemo-nos inuteis e prejudiciaes á Corôa.

— Aceito essa demissão com enorme prazer. É um serviço que prestam ao paiz, retirando-se do governo, porque o povo só se queixa das insolencias e perseguições dos Andradas. Dar-te-ei amanhã o substituto conveniente.

— O conego Januario! atalhou José Bonifacio, esperando o efeito de suas palavras.

D. Pedro não proseguiu. Baixou a cabeça fitando distraidamente o desenho da tapeçaria que ornava a sala do palacio; atordoára-o a insinuação do Andrada. Mas, de repente, tocou a campainha. Um pagem rubicundo apareceu, curvando-se numa mesura estudada.

— Vá chamar o intendente da policia.

O criado saio promptamente a executar a ordem, sem balbuciar uma só palavra, pisando nos bicos dos pés para que não rangessem os seus sapatos de sola grossa. José Bonifacio contemplou D. Pedro e, observando que ele estava contrariado, afoitou ironico:

— Para prender os Andradas?

— Para mandar abrir devassa nas casas de Ledo, José Clemente e Januario.

— De Januario! Não o deseja para ministro?

— Conheço-te bem, José Bonifacio. Queres no governo o orador do Grande Oriente, certo de que sofrerás, amanhã, a vindicta do teu adversario e passarás ao papel de victima diante da nação. Por isso, denuncio já ao proposito de proceder contra os teus confrades do Apostolado.

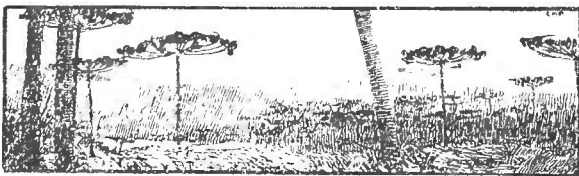
— Magestade! Sou amigo de Januario; apreciei-lhe, sempre, os artigos da *Gazeta do Rio de Janeiro*. Depois pondero a V. M. que no Apostolado não se poem em peso os actos do soberano.

— Tens muita labia; mas não me engazopas — interrompeu, em tom canalha, o imperador.

José Bonifacio, amavel, despediu-se de D. Pedro. A aragem da noite balouçava o velario do gabinete real, enfunando entre os estofos e candelabros. O velho politico, através a abertura da cortina que o vento oscilava, divisou, na camara perto, cinzento de terra e de poeira, o commandante da guarda do imperador. Compreendeu que o principe providenciara na sua captura, mas a relaxara diante da perfidia assacada ou ante as represalias de um dialogo irritante.

Deixara de ser ministro, perdera o Apostolado, mas tinha intrigado, lograra a perseguição dos seus opositoristas. Aniquilara, em segundos, os intuitos desabridos do imperador. Voltaria ao poder; estava certo disso.

THEODORO MAGALHÃES



QUERER BEM

Vindo de Constantinopla, desembarcara em Constanza, no Mar Negro, tomara o trem para Bucarest, onde amanhecera, ouvira missa na Metropole, percorrera a carro a cidade, e, só comigo, ia almoçar, num dos bellos restaurantes da "calea Victoriei", quando, na companhia, trago um jornal, que em francês era escripto, e só por isso preferido aos da lingua indigena. Enquanto me serviam, passava os olhos vagamente pelas noticias politicas e mundanas, que pouco interessavam: a proxima queda do ministerio Bratiano; uma nova obra de Carmen Silva; a generosidade

da princêsa Maria igual á sua formosura; uma poesia de Helena Vacaresco; recordação de que era romena, princêsa Brancovan, essa genial poetisa francêsa, a Condessa de Noailles... Caiu-me a vista, por fim, num *faits divers* que esse me prendeu mais que as vaidades dos poderosos.

Era um pequeno drama, que tinha intima significação. Nos arredores de Galatz, á beira do Danubio, uma formosa rapariga fora cortejada por dois belos e fortes rapazes, que ambos a mereciam e ambos, alternativamente, lhe inspiravam a mesma paixão. Os psicologos podem discutir a tese, que dá ao coração a propriedade de não ser occupado a um tempo por dois amores, como a extensão não permite a dois corpos tomarem o mesmo logar no espaço, mas a realidade era esta, ela amava os dois. Quando estava com um deles, era este o preferido e as razões da preferenciase impunham, tão persuasivas, que ficava resoluta, pedra e cal, que seria desse. Aparecia o outro, a pedra e cal amoleciam e lá se iam delidas, ao encanto novo que a tomava, a convencia, a vencia, só agora certa que este sim era o seu preferido, o eleito, o unico, o senhor do seu coração. Nessa perplexidade vivia, decidida a cada instante, indecisa entre elles, quando longe dos dois se lembrava deles ambos, para ver-se combatida e sem resolução, repuxada sempre em sentidos contrarios.

Um dia, os dois, que esta situação por igual desagradava, apareceram-lhe juntos e pediram-lhe, sem piedade, a rejeição de um, com soberbia, a exaltação do outro... Errou os olhos por ambos, lembrada disto e daquillo, cada vez mais perplexa e confessou toda a sua dolorosa e irremovivel indecisão. Só a sorte a livraria dessa duvida, pois que os santos a quem rezara não lhe deram recurso: a novena a Santo Anastacio, o orago da terra, fora inutil. Pois bem, exclamaram os rapazes, venha a sorte...

Ela reflectiu e o Danubio aos pés deu-lhe uma sugestão; a nado o atravessassem, fossem á outra banda e tornassem: o primeiro a chegar seria o escolhido... Mediram os rapazes a largura do rio, aí quasi maxima, porque já perto da foz... sentiram o frio da agua, agora no começo da primavera, quando a neve das nascentes se funde e augmenta a correnteza... mas era mais comprido e mais ardente o amor de moços. Despiram roupas superfluas, e puzeram peito á caudal.

Correu a voz no povoado e a multidão da aldeia, logo dividida em dois partidos, olhava com ansia, votos e aclamações os dois bravos contendores, que pareciam ter o mesmo folêgo. Foram

e tornaram quase sem distancia, braçadas eguaes, apesar da grandeza do esforço e do tempo demorado posto em o vingar. Mas, devia ser assim, um deles conseguiu a ultima braçada, junto á margem, antes do outro: era o vencedor! O rival chegara também segundos depois, é só chegava atrasado porque todo era agitado num calefrio intenso. Tomaram-no com piedade, deram-lhe estimulantes, enxugaram-no, aqueceram-no, mas nada lhe valeu porque, instantes depois, ardia em febre, o peito oppresso, a pontada do lado, numa pneumonia fulminante. Dois dias depois, era cadáver.

Quando tornou do cemiterio aonde levava o rival, procurou o vencedor uma folha de papel e escreveu á namorada:

«Ganhei a sua mão, mas, porque estou certo de não ter tido jámais o seu coração, lh'a venho restituir. Em nossa lingua amar é querer bem. Você não me podia, nem ao meu infeliz companheiro, amar, pois que nos sujeitou a um perigo, do qual podíamos morrer, como de facto morreu meu desgraçado rival. Podia ter sido eu. Empreguei portanto mal o meu amor, em quem não me queria bem. Perdô-me o erro, como eu lhe perdôo o risco que me fez correr... Basta-nos o remorso da vida que fizemos perder-se...»

Talvez o jornalista pusesse sal no estilo da carta, mas o facto era este. Amar não pode jámais ser querer mal. Como em português, no romeno, lingua irmã, também è querer bem. E bem longe, no extremo dos Balcans, numa sala de restaurante, em Bucarest, lembrou-me uma historia, que bem podia ser réplica desta outra.

Trabalhava eu no Serviço Medico-Legal do Rio, quando um dia, preparado para as autopses, que aí se faziam todas as manhãs, ás vezes numerosas, disse-me o escrivão que me tomava as notas para o laudo:

— Temos, hoje, apenas um caso... o de uma rapariga que se suicidou. Parou um instante e ajuntou: — Uma historia comovente... valia a pena ouvil-a antes de começar.

Embora apressado, e a emotividade romba de medico, que se embota mais que o gume dos canivetes, levantei a vista e pedi-lhe que m'a dissesse, sem delonga.

— Foi este o caso. Era uma rapariga geitosa, morena, cabelos pretos anelados, apenas de dezesseis anos. Pode vê-la, sobre a mêsá, não terá mais disso: a morte ainda não lhe tirou o mimo. Só ela nos deixa agora ver todo ele: como era bonita! Pois bem, dois rapazes se engraçaram

dela e ambos puseram taes extremos em lhe agradar, que a rapariga, que não sabia ser ingrata, embora tivesse a sua preferencia, não soube ou não pôde manifestá-la claramente. Os dois porfiam e como não era pequena a paixão, sobreveiu o ciume e, depois, o odio. Os rivaes juram-se e se querem matar. A pobresinha vem a saber e pretendê intervir. Eles o disseram, haviam de cumprir: um era demais sobre a terra. Exactamente o mais fraco ou mais delicado seria o preferido, e o outro era mais turbulento e desabrido... Procura-os, não os encontra. A rixa ia ter, a qualquer momento, o seu desfecho: só um, o vencedor, appareceria. Nessa tribulação, de homens que a amam e se vão matar por ela, nessa maior porventura de perder aquele a quem ama e vir a ser do outro a quem não quer bem, chega-lhe a resolução desesperada. Escreve-lhes uma carta e ingere uma dose de veneno. Na carta dizia que não lhe seria possivel ter paz na consciencia, com uma morte, por causa dela. Não poderia ser mulher do seu amado, se ele fosse assassino, menos ainda do outro, se dêsse a morte ao seu preferido. Só achava uma solução: desapareceria! Perdoassem-lhe, continuassem a querer-lhe, na saudade; ela queria tanto a um deles que para salvá-lo de ser morto, ou ser assassino, chegara a morrer...

Talvez empreste ênfase ao escrivão, ou á pobre rapariga: o facto era porém este. Na carta não declarava o preferido: ficava a possibilidade, a cada um, de o pretender, dentro de si... Eles se reconciliaram e agora estavam aí fora, para vê-la, para lhe prestarem os ultimos carinhos de afeição. Como eu duvidava da historia, que me parecia demasiado romântica, disse-me o escrivão:

— Elles aí estão na sala de espera, juntos, e não cessam de chorar...

Entrei a espia-los e vi-os, pobres diabos, um a consolar o outro, também em pranto: falavam dela, naturalmente. Penetrei então na sala de autopsie. Ela parecia dormir, hirta e fria, sobre a mêsá de dissecação, já sem resguardos de pudor. "A morte não lhe tirara o mimo...", não seria a minha impiedade de perito que o havia de fazer. Mandeí que a retirassem, piedosamente, e sem detença. Ao escrevente ditei um laudo de exame cadaverico: uma escara enegrecida no labio confirmava o toxico, que fóra o lisol.

A' tarde, seguia o humilde prestito funebre para S. Francisco Xavier. Alem dos parentes, de algumas amigas, iam os dois namorados, por quem morrerá, por bem querer. Num automovel os a-

companhou um desconhecido, que assistiu comovido á sèpultura que se abria para recebê-la... Nas flores que sobre o tumulo singelo lhe deixou, não se foi entretanto toda a sua comoção, pois que ainda agora revive, numa terra longinqua, entre gente diversa, mas que fala uma lingua irmã da nossa... Em romeno, como em provençal, como em português, irmãos mais moços da latinidade, amar é "querer bem". Das duas historias, só posso tirar uma conclusão, é que lá — na minha terra, se ama melhor; aqui, ás vezes, se mata por querer bem; lá, ás vezes, a gente morre por bem querer.

AFRANIO PEIXOTO



ULTIMO LANCE

Dez luizes!...

Era tudo que lhe restava!... Eram as ultimas moedas da larga e velha herança que até a elle chegára, escorrendo sonoramente, de degrau em degrau, por uma nobre escadaria de avós. Dez luizes!...

E D. Philippe, depois de agitar na mão fidaiga, as derradeiras moedas de ouro, encaminhou-se lentamente para o logar que meia hora antes havia abandonado a banca da roleta.

De pé, apoiado ao espaldar da sua cadeira ainda vazia, deixou cahir sobre o taboleiro verde o seu frio olhar indifferente e altivo. Os numeros desapareciam afogados no ouro e na prata dos outros jogadores.

Permaneceu immovel por longo tempo, sem ver o que õhava. Seus sentidos estavam de todo occupados pelo pensamento que lhe trabalhava afflicto dentro do cerebro: — Era preciso refazer a fortuna esbanjada, ou parte d'ella... Mas com cem mil francos, apenas cem mil! poderia salvar-se, sem cahir no ridiculo aos olhos do meio em que se arruinára... Com cem mil francos correria, sem perda de tempo, a Pariz, solveria as dividas que ahí deixára garantidas sob palavra, e logo em seguida a pretexto de qualquer exigencia da saude, simularia uma viagem á Suissa e partiria para a America com o que lhe restasse em dinheiro. Na America engendravam-se rapi-

das riquezas; descobriam-se dotes fabulosos! Se fosse preciso trabalhar — trabalharia!

Não sabia em que, e como, iria trabalhar, mas a miragem do novo mundo surgia-lhe á imaginação num sonho de ouro, numa apothese de milagres de representação, em que a sua incompetencia para qualquer trabalho productivo encontraria logar entre os vencedores. Nenhum programma, nenhuma ideia acompanhava aquella esperança; confiava na America como confiára nas cartas e na roleta. Era ainda uma esperança de jogador. Era a cega confiança no acaso!

Não seria a America tambem um taboleiro verde, banhado pelo ouro da California?... Elle era a moeda jogada n'um ultimo lance pelo desespero! Iria!

E depois?... Como seria bello volver á Europa, muitas vezes millionario, com um resto de mocidade, para continuar a gosar os vicios interrompidos?..

E, enquanto castellavam seus doídos pensamentos, succediam-se os golpes da roleta, e o ouro e a prata dos jogadores perpassavam em rio por defronte dos seus olhos distrahidos.

— Mas, e se eu perder?... interrogou elle á propria consciencia.

E o fidalgo não teve animo de entestar com a solução que esta pergunta exigia, como se temesse abrir de prompto, ali mesmo, um duro e violento compromisso com a sua honra.

Todavia, se perdesse aquelle miseravel punhado de moedas, que lhe restava alem do... suicidio?... Que lhe restava no mundo, que não fosse ridiculo e humilhante?...

E viu-se sem vintem, esgueirando-se como uma sombra pelas ruas escuras, com as mãos escondidas nas algibeiras do sobretudo, fugindo de todos, desconfiado de que a sua irremediavel miseria fosse de longe presentida como uma molestia infecta. Teve um calafrio de terror.

As fallazes hypotheses de salvação, que covardemente se lhe apresentavam ao espirito, lembrando amigos ricos e recursos inconfessaveis, eram amargamente repellidos pelo seu orgulho, ainda não vencido.

— *Faites vous jeus, messieurs!* exclamou o banqueiro.

E D. Philippe sorriu resignado e triste, como respondendo affirmativamente para dentro de si mesmo á voz que appellava para seus brios, e, depois de sacudir inda uma vez as dez moedas, espalmou sua linda mão inutil e, com um ar mais do que nunca indifferente e sobranceiro, despe-

jou-as na secção do Vermelho que á mesa lhe ficava em frente.

— *Rien ne va plus!*

Uma vertigem toldou-lhe a fingida calma.

A pequena esfera de marfim girava já no quadrante da roleta. Fez-se em toda a sala um silencio que doia de frio.

Se naquelle golpe, em vez de um numero vermelho, viesse um numero preto, pensou o desgraçado, qualquer mendigo das ruas seria mais rico do que elle!...

E a bola girava já com menos força, prestes a tombar no numero vencedor.

O fidalgo deixou-se cahir assentado na cadeira, fircando os cotovellos na mesa e escondendo o rosto nas suas duas mãos abertas.

A bola tombou no numero. Vermelho!

Os dez luizes de D. Filippe transformaram-se em vinte. E o fidalgo não teve um gesto; esperou novo golpe, aparentemente imperturbavel.

O taboleiro esvasiou-se e de novo se encheu de reluzentes paradas. O banqueiro fechou o jogo; a bola girou, cahiu.

Veuu outra vez vermelho.

D. Filippe continuou immovel, sem tirar as mãos do rosto. Sobre os seus vinte luizes deiramaram-se outros vinte.

E o jogo continuou, silenciosamente.

E, no meio do surdo ancian dos que jogavam, um terceiro numero vermelho dobrou a parada de D. Filippe, que conservava a sua immobilidade de pedra.

Tão forte porém era o arfar do seu peito, que todo o corpo lhe acompanhava as pulsações do coração.

Vermelho!

E oitenta luizes despejaram-se sobre os oitenta luizes do jogador immovel.

Vermelho!

E o ouro começou a avultar defronte d'elle.

Vermelho ainda!

E as moedas iam formando já um comoro de ouro defronte daquella figura extática, da qual só se viam as duas mãos, muito brancas, ligeiramente veidas de azul puro.

Ainda vermelho!

E a figura imperturbavel parecia agora de todo petrificada. E as duas mãos brancas pareciam fitar escarninhamente os outros jogadores, rindo por entre os dedos fixos.

A immobilidade e a fortuna do singular parceiro começavam a impressionar a todos.

Vermelho!

E já os olhares dos homens e das mulheres não se podiam despregar d'aquelle mysterioso companheiro de vicio, cuja physionomia nenhum d'elles conhecia ainda, absorvida como até então estivera cada qual no proprio jogo.

Vermelho! Vermelho!

E o monte de ouro ia crescendo, defronte d'aquellas duas mãos que pareciam cada vez mais brancas, mais escarninhas, e mais ferradas ao rosto do jogador immovel.

Vermelho! Vermelho Vermelho!

E as moedas alargavam a zona inteira escorrendo por entre os cotovellos do jogador de pedra, e cahiam-lhe pelas pernas inalteraveis, e rolavam tinindo pelo chão.

Vermelho! E os jogadores esqueciam-se do proprio jogo para só attentar no jogo do singular conviva; á espera todos que aquellas duas mãos de marmore se affastassem; que aquella escarninha mascara cahisse, revelando alguem.

E a cada golpe uma nova riqueza vinha dobrar a riqueza accumulada defronte do sinistro mascarado de marmore. Em vão, ao lado d'elle, uma formosa creatura, com arés de rainha e olhos de *soubrette*, aquecia-lhe havia meia hora a perna esquerda com a sua perna direita; em vão, por detraz da sua cadeira, formára-se um palpitante grupo de mulheres, que riam forte e lhe discutiam a fortuna, apostando, a cada novo golpe da sorte, se o original jogador sustentaria ou não o lance por inteiro.

E já quando o vermelho era ainda uma vez annunciado pelo tremulo banqueiro, partia de toda a sala uma explosiva exclamação de pasmo.

Era preciso tocar a cada instante o tympano, pedindo attenção e silencio.

Mas os commentarios reproduziam-se, fervendo em torno da estatua feliz. Uns protestavam contra a loucura d'aquella pertinacia, pedindo para seu castigo um numero negro; outros se enthusiasmaram com ella e soltavam bravos de applausos; outros ainda calculavam o ouro accumulado, sommando os lances.

E o banqueiro, cada vez mais pallido, tomava com a mão tremula a bola fatidica, e, a tremer fazia-a girar na gamella dos numeros, e a tremer, annunciava o numero vencedor, que era sempre vermelho.

Cada numero vibrava acompanhado de um côro de pragas e gargalhadas.

Até que, n'um desalento de capitão vencido, o banqueiro, dando ainda o ultimo vermelho, annunciou com uma voz de naufrago sem esperanças:

— Banca... á gloria!

Mas, nem assim, o imperturbavel jogador mysterioso fizera o menor gesto; ao passo que em redor d'elle se acotovelavam os viciosos de ambos os sexos e de todas as nações, formando uma numerosa e irrequieta muralha, anciosa de curiosidade.

Chamaram-n'o de todos os lados, em todas as linguas e em todos os tons.

Elle se não moveu.

Tocaram-lhe no hombro; tocaram-lhe na cabeça.

Nada!

Saccudiram-lhe o corpo.

A estatua continuou immovel.

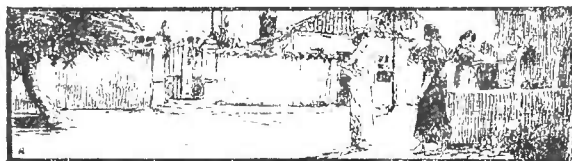
Então, dois homens, tomando cada um uma das mãos do fidalgo, arrancaram-lh'as do rosto, emquanto um terceiro lhe levantava a cabeça.

E um só grito de horror partiu d'entre toda aquella gente.

Quem á gloria levára a banca e ali estava immovel a jogar com elles durante a noite, provocado pelas mulheres e invejado pelos homens, era um cadaver frio, de olhos escancarados, a bocca semi-aberta, e com duas lagrimas compridas escorrendo pela algidez das faces contrahidas.

Largaram-n'o espavoridos; e o morto tambem com a cabeça sobre a mesa, collando o rosto e as mãos de marmore sobre o seu ouro, como se o quizesse defender da cobiça dos outros jogadores sobreviventes, que já discutiam aos gritos a legitimidade daquella posse.

ALUIZIO AZEVEDO



SÃO JOSÉ

(LENDAS CHRISTIANAS)

(A. R. B.)

I

O velho cura morava na aldeia, e só muito raramente, com mais sacrificio do que esforço, arrastava a sua velhice pachorrenta e a sua discreta virtude até o borborinho da grande cidade tão cheia de fortuna e de miseria, eternamente escabujando no volutábrego do vicio. Chamava-se Bernardin, e era um homem de altura mean, quasi gordo, com um ar sadio de campo, olhos pequeninos e claros, cabellos brancos e faces ainda de punicea côr, onde começava a silcar o valle das rugas.

A sua casa no campo era o certo abrigo dos pobres, porque nunca lamento ou supplica, somno, tristeza ou fome tinham ficado esquecidos á soleira como cães sem dono e sem destino. A amigo ou estranho, era sempre de bom rosto que o velho dava pouso. Era uma singela casa no meio de um tosco jardim onde chorava a múrmura e sonóra queixa de um regato; e esse regato era de certo a unica lamentação que repetidamente, passava á sua porta. Na primavéra as flores perfumavam toda a casa; brancas santas e alvos santos de gêsso e de marmore surgiam do oratorio durante os tres mezes da suave estação, como flores nascendo de flores; no inverno, quando o céu era griz e os caminhos eram brancos, á bocca do seu calorifero vinham os pobres aquecer-se do rude frio.

O doce Bernardin, homem simples e bom, sem a enredada sabedoria dos magnos sacerdotes, sem largos vôos de imaginação, pouco se aprofundára em dogmas e conceitos; cumpria fielmente as leis de Jesus com a mesma facilidade innocente com que um fructo sáe de uma flor. Assini, não maldizia porque de ninguem se queixava; era esmolêr porque se condoia de quem era pobre e tinha fome; não mentia por ignorar que outra coisa além dos beijos é da verdade podesse poisar em humana bocca, — nem mesmo as abelhas que esvoaçavam em torno dos labios de Platão; não praguejava porque de nada serve a blasphemia; não odiava porque todos o amavam; era casto porque tinha bons pensamentos. Lera pouco durante a longa existência; sabia que no principio Deus creou o céu e a terra, depois separou a luz e a treva... Não conhecia historias de raças e de conquistas, nem chronicas de guerras religiosas, nem falsidades e manhas d'inimigos. A luctuosição com todos os supplicios e todas as victimas era uma especie de lenda para amedrontar os atheus, assim como o papão era uma fantasia para intimidar as creanças; o Papa era um padre muito santo e muito sabio que morava em Roma; Roma era uma cidade visinha de sua França. Com o latim do Seminario dizia missa, fazia citações ao amigo pharmaceutico, pregava ás vezes no pulpito e ensinava declinações e conjugações: *ancilla, ancillæ; fero, fers, tulli, latum, ferre...*

Gostava de passar bem porque dizia que não era santo; e quando sentado á mesa, com a porta aberta para quem tivesse fome e quizesse entrar, tendo dado esmola e distribuido pães (mais pão do que conselhos), orava e acalmava o estomago com o pão que é o corpo, com o vinho

que é o sangue de Jesus, muitas vezes pensava :
— Coitadinho de São João que comia gafanhotos!...

Era tranquillo e mênigo; qualquer soffrimento lhe causava pena, para toda esturdia encontrava uma desculpa, e para os crimes tinha sempre um perdão.

Certa vez, numa tormentosa noite de inverno, quando lá fóra cahia o gelo e rugia a furia do sudoeste degladiando as arvores nuas, elle deitado, accomodado começava a dormir; de repente escancarou-se a porta e entrou pelo seu quarto um homem todo coberto de sangue e de medo.

— Meu Padre!

— Que é, filho?

E o assassino tremendo como si já estivesse deante da machina sinistra e fatal da guilhotina:

— Matei meu irmão!

O Padre Bernardin olhou-o, mal comprehendendo as suas palavras loucas.

— Teu irmão?

— Sim, meu irmão!

Com uma infinita calma e uma suave ternura, o velho sacerdote accrescentou:

— Que horrivel crime, meu filho! Deus te perdõe!

Persignou-se, — e como tinha somno continuou a dormir.

Toda a aldeia o estimava; havia moças que baptisára e casára; quando sahia, já se apoiando a um tremulo bordão, as mulheres vinham dos casaes á porta, á espera de sua benção, e elle passava sem se apressar e sem se admirar, como si estivesse em casa ou como si a aldeia fosse a continuação de sua casa. E quantas vezes, quando havia lua no céu, as creanças se reuniam á sua porta, e o Padre, ingenuo e bom começava com sua voz repousada e tranquilla:

— Era uma vez uma camponeza que se chamava Joanna...

II

Foi nos primeiros dias de Fevereiro que uma vez, por uma tarde fria, quasi á hora da noite, um homem pobremente vestido de calça e blusa, com uma especie de gorro de operario, entrou em casa do Padre Bernardin. A classe terminára. Bernardin estava só no seu quarto, quando duas pancadas discretas resoaram á porta. Tão habituado estava o Padre a todas as visitas, que nem de leve se admirou, e calmamente disse:

— Entre!

O homem tão modestamente vestido de marceneiro penetrou no seu quarto.

— Meu Padre, eu sei que vae amanhan á cidade, e lhe venho pedir um favor.

Tanta doçura havia nas palavras do desconhecido, tanta certeza, tão amavel e boa era a sua physionomia, que o velho sacerdote teve a exquisita vontade de lhe beijar as mãos.

— Mas como soube que eu vou amanhan á cidade?

O carpinteiro tirou o gorro, passou a mão pelos cabellos e pela barba castanha, e falou com uma voz persuasiva:

— Não lhe posso dizer ao certo como tive noticia de sua visita amanhan a Paris; mas o que é verdade é que ha mais de quinze dias eu ando á sua busca para lhe pedir a graça a que vim. Sempre, infelizmente tem havido desencontro entre nós; aqui estou porém; e mesmo que o Padre quizesse adiar a viagem, é tão caridoso o que lhe vou pedir, que certamente accederá á obra de tanta misericordia e caridade!

— Fale, irmão!

— Depois de amanhan é o Carnaval; é a loucura da enbríaguez e da orgia. N'um dos centros mais populosos e vergonhosos do cidade móra uma pobre peccadora que ha seis mezes definha, vencida pelo mal terrivel da tuberculose. A casa em que habita é muito mais que suspeita; desde Janeiro até São Sylvestre estrebucha entre as quatro paredes uma horrenda bacchanal; é lá a reunião dos vadios, dos alcaiotes, dos companheiros do vicio, dos sodalicios da orgia. E' a villança da intelligencia e do caracter, a pandega pulha e ignobil de bordel e de taverna! A creatura de que falo muito me interessa; parece-me que no matto, descobri um remedio que si não é cura, é ao menos um allivio ao doloroso mal dos pulmões. Mas me diga, irmão: eu, um pobre carpinteiro posso entrar assim de blusa, sem chamar a attenção numa casa de tanto peccado e tanto luxo? O meu amigo é um sacerdote; e para que não desperte suspeita, quando levar o remedio ouvil-a-á em confissão, pois a creatura, enfermiça ha muito, anda ágora a morrer. Bastará que chegue á sua casa ás dez horas da noite, quando os rapazes e as mulheres sahirem em algazarra para o ruido do Carnaval. O seu quarto é no segundo andar, n'um corredor, terceira porta á esquerda. Vá, meu irmão, e fique certo de que faz uma grande obra de caridade. Vá, ella o espera!

E o marceneiro deu a rua e o numero da casa.

Com tanta firmeza elle falára que o Padre não pensou em pôr a menor objecção; apenas com um sorriso que a tristeza severisára indagou:

— E o remedio que lhe devo dar, onde o encontro?

Quedou-se alguns instantes pensativo com o sobrecenho carregado o desconhecido; parecia que uma grande magua lhe lancinava a alma; por fim, murmurou:

— Irmão, ella já está desenganada pelo medico!

— Sim, mas o seu remedio descoberto no matto?

O carpinteiro meneou a cabeça negativamente.

— E' inutil levar-lhe remedio! Vejo que é tarde! Leve-lhe a extrema-unção!

Bernardin curioso ainda perguntou si elle a vira ultimamente.

— Não, eu nunca a vi!

Até hora alta da noite os dois homens conversaram; um do outro se agradara na simplicidade que os fazia parecidos; e era tão sympathica a convivencia dos seus espiritos que nem um reparou na madrugada que vinha nascendo no céu...

III

Paris estava no deslumbramento da festa louca. Explodiam por toda a parte orquestras de assovios, faiscavam illuminações, retumbavam clamores de orgia. Já passavam os grupos para os bailes numa ruidosa algazarra a que se sentia o vinho. Era o dominio do regabofe e da troça, da pandega desconjunctada, da pilheria, da chalaça, da chacota, da laracha, do insulto mascarado a que se chama geralmente espirito... Passavam *pierrots*, arlequins, *clowns*, dominós; todo mundo tinha uma physionomia mais ou menos mascarada; tilitavam guizos, sacodiam-se canções lascivas de bordel. Era o Carnaval. Era a intriga elegante para a gente fina, era a pilheria boçal para os rudes; eram os vinhos Champagne para os ricos e *clubmans*, era a agua-ardente para os pobres e g liardos. Para muitos era a verdade. Vinham os grupos e os carros de todas as ruas e penetravam ruidosos nos *boulevards* festivos. A grande, a gloriosa, a immortal cidade parecia toda entregue á momice e á graçola do estruendo. Onde estava o grande cerebro de Paris produzido por centenas de edições, em milhares de brochuras, a seiva fecunda do seu grande espirito pelas artes e pelas sciencias? Onde os cursos em que se aprendem todos os conhecimentos do saber humano, em que se prevêm todas as hypotheses, em que se investigam todas as causas, e se determinam todos os efeitos? Paris descansava; o Carnaval se estendia sobre a opulenta cidade como um grande polvo que abre tentaculos...

Cahia a neve; choviam polychromias de *con-*

fetti; e pairava no ar um cheiro de harém, e subia no espaço um perfume de absyntho...

A's dez horas da noite, de uma casa da rua des *Petits Correaux* sahiu um grupo alegre de mascarados e mascaradas; carruagens se aproximaram; houve uma grulhada de vozes, uns risos e uns gritinhos nervosos, um ar de coxixo e segredo que ha sempre entre mascaras para que toda gente saiba que elles se conhecem entre si; depois um ajuntamento de curiosos, e os carros partiram. Aquelle trecho da rua ficou por instante silencioso; nesse momento, um carro modesto parou; desceu o ^o Badre Bernardin acompanhado pelo acolyto, e os dois entraram na casa d'onde haviam partido os mascarados. Defronte, um homem de blusa de operario e que parecia um marceneiro, rondava.

IV

O velho Bernardin sentiu-se contrafeito ao penetrar naquelle corredor, ao subir aquella escada onde pairava um ar de mysterio e de orgia, onde havia pouco roncavam deboches e bebedeiras, onde passaram homens sem fé e mulheres seminúas, e onde entrava agora com Jesus-Christo para dar a extrema-unção a uma moribunda. Mas lembrava-se das palavras do seu visitante: «Ella o espera!» Ella o esperava; mas onde? Todas as salas estavam vazias; por toda parte, em vez de remedios, jaziam garrafas esgottadas de vinhos. Seus pudicos olhos surprehendiam interiores desonestos de alcovas lascivas... O acolyto lembrou que era no segundo andar, terceira porta á esquerda. Subiram uma nova escada, chegaram ao corredor; mas pairava o mesmo silencio, descansava o mesmo abandono. O velho padre estava receioso; temia que entrasse alguém e o visse conduzindo o Salvador áquella casa de peccado e de vicio! E si voltassem de repente aquellas mulheres e aquelles homens? De certo o desrespeitariam, tontos pela loucura da bebida e do Carnaval. Foi com uma vaga esperanza de fugir áquella casa sem fé e sem Deus, que elle disse ao companheiro:

— Parece que nos enganamos! Não ha ninguém na casa!...

Mas este não respondeu: com a mão em concha sobre a orelha, parecia ouvir attentamente.

— Que é que fazes?

— Não está ouvindo um rumor que parece um gemido?

Effectivamente aos ouvidos do Padre chegavam agora uns dolorosos e abafados ais. Encaminha-

ram-se mais para porta, e bateram de leve; ninguém respondeu; outra vez, com os nós dos dedos, Bernardin de mansinho fel-a resoar; também não houve resposta, mas aos dois amigos pareceu que o sussurro cessára. Por fim o rapaz entreabriu a porta, e o Padre entrou sósinho.

V

Longo tempo durou a confissão.

Quando o Padre abeirou-se do leito da enferma, quando ella o viu, não mostrou o menor espanto nem o mais ligeiro sobresalto; apenas nos seus grandes olhos muito fundos e soffredores, fulgiu rápida e fugace uma scintilha de alegria. O velho sacerdote olliou em volta de si. O quarto era pequeno, mas conservava um luxo atrevido e convencional de velludos e de setins; o leito largo, fôfo, sensual, era encimado por um baldaquino de seda vermelha como sangue; e á cabeceira, pregado á parede, um grande espelho reflectia o quadro triste de uma doente quasi na agonia. O Padre que vencêra facilmente a vergonha de entrar naquella casa suspeita, escrupulisou deante d'aquelle crystal de serralho, luzente e obsceno, e desviou os castos olhos. Perto da porta um divan ostentava a sua côr vermelha também; havia espalhadas duas ou tres cadeiras largas; o lavatorio estava cheio, transbordando de frascos seccos de essencias e caixas vasiaas de pó de arroz; ao lado um atril onde descansavam os tres volumes do *Chevalier de Faublas* e uns numeros velhos de «*Sans-Gêne*», «*L'Indiscret*», «*Culotte Rouge*», «*La Dame aux Camélias*», e uma historia de Napoleão I; perto da cama estava a mesinha; havia frascos de remedio, — e uma vela illuminava uma pequena e tosca imagem de S. José. Bernardin, com uma voz tranquillã deu as boas noites é rapariga, e indagou solícito:

— Sente-se melhor? Gemia tão baixinho que mal pude ouvil-a!

Ella fez um esforço cançado e murmurou com tristeza:

— Tinha medo de incommodar os que se divertiam! Já hontem quizeram mandar-me para o hospital! Diziam que eu ia estragar-lhes o entrudo... Não me queriam dar um confessor! Mas eu sempre tive a esperanza de não morrer com tanta culpa!

E olhou com um ar devoto para a imagem de S. José...

— Pois aqui estou, minha filha, para ouvil-a e perdoal-a!

A pobre creatura ficou com os olhos rasos de lagrymas felizes; e com a voz tremula indagou curiosa:

— Diga-me, meu Padre, conhece-me? Como soube que estava doente?

— Um homem que foi á minha casa e me falou do seu estado... Não o conheço; creio que é um carpinteiro.

— Talvez queira fazer o meu caixão...

— Talvez queira salvar-a, minha filha!

Ella contou-lhe a sua historia. Era a mesma de sempre, dolorosa e banal; era a seducção estúpida de um homem covarde; depois da posse vinha o gualdipério immediato; era a primeira quéda no lôdo e na lama do vicio, o espectro da fome apparecendo, e por fim a rendição completa, o aluguel do seu corpo, a prostituição da sua alma.

O Padre escutava-a em silencio, ancioso pela obra da graça e do perdão; ouviu-lhe ainda todos os feios peccados, e absolveu-a. N'esse momento a vela se apagou. Quando conseguiu de novo acendel-a, reparou com um vago tremor que a estatua de São José tinha cahido, e que a rapariga estava morta...

VI

Muitas horas passára no quarto da moribunda; quando chegou á rua reparou que era hora alta da madrugada. Por todos os lados ainda estrugiam gritos alegres de carnaval.

O carro approximou-se; Bernardin deu um deradeiro olhar á triste casa onde ficára abandonado um cadaver, e entrou com o acolyto para a caruagem. Vinham pela rua carros alegres, illuminados a fogos de bengala; era o grupo de mascarados que regressava. Os animaes fustigados partiram, e elle pensou:

— Ahi voltam os doidos para o cemiterio!...

Para traz não tinham ainda ficado dez metros, quando ao aceno de um desconhecido, a caleça parou. Era o marceneiro; e assim disse:

— Muito obrigado, meu Padre, por ter vindo! Coitada, ella morreu!

Foi só; caminhou e desapareceu na sombra. Mas o Padre Bernardin, dando ordem para de novo partir, pensou que havia qualquer coisa de extranho n'aquelle homem tão pobrememente vestido de operario; pareceu-lhe que havia uma luz refulgente e tranquillã nos seus olhos; e suppoz um instante que em fim aquelle carpinteiro talvez fosse São José...

Rio — 1904.

SUPPLEMENTO

**A vida anecdótica
e pittoresca dos
grandes escriptores**

OLAVO BILAC.

Em 1888, quando me achei ao grupo, com uma timidez que se me afigura hoje ousadia, Bilac era o mais recente dos habituados: Patrocínio, o maior da família bohemia; e os outros eram já para mim grandes nomes: Murat, Coelho Netto, Pompéa, Aloysio e Arthur de Azevedo, Pardal Mallet, Guimarães Passos, Paula Ney e Alcindo Guanabara. Só Arthur Azevedo tinha posição segura; dos outros, um Aloysio era exclusivamente escriptor de livro, Murat iniciava advocacia, os mais fluctuavam no jornalismo, collaboradores ou redactores, levados de esperanças ou de sonhos que não faziam sentir muito os apertos quotidianos. Entre todos, Bilac surgiu-me como uma alma escoteira, a carregar sobre si, physica e espiritualmente, tudo o que era seu.

Escrevia chronicas para «A Cidade do Rio», onde Patrocínio pagava então os collaboradores pontualmente com um farto almoço na propria casa do jornal e em promessas infinitas, que eventualmente reduzia a dinheiro em horas incertas de fortuna e prodigalidade. Bilac morava em casa de commodos, como um pobre, ou menos que um estudante, pois nem tinha livraria. Mas era dos mais lidos e cultos do grupo bohemio; as suas leituras eram feitas em livros de emprestimo, ou nos volumes pequeninos da «Bibliothèque Nationale», que se vendiam naquelle tempo a 300 réis e cabiam sem constrangimento num bolso do paletot. Lia-os em bonde ou em casa; e assim conheceu o que havia de maior e melhor na extensa bibliotheca

ca minuscula. Lembro-me bem do exemplar de «Romeu e Julieta», que o acompanhou alguns dias, e sobre o qual elle traduziu com apaixonada vida a scena do balcão. Lido e às vezes relido o volumezinho, perdia-se, e Bilac ia continuando escoteiro em seu caminho bohemio, leve, despreoccupado, mas levando consigo um cabedal literario que augmentava sem elle dar por isso e que podiam invejar outros pesadamente installados na vida e nas bibliothecas. Não pensava em alardear leitura, nem sabedoria, nem coisa nenhuma. Era sempre como uma ave contente de cantar ao sol e contente das outras. Por esse tempo, trabalhava Patrocínio num plano de levar á Europa, em vapor especial fretado, os seus amigos de letras, da «Cidade do Rio», e os que a frequentavam. Iriamos todos, mas ao cabo só poude elle mandar Bilac, em vapor commum, como correspondente da «Cidade do Rio», em Paris; e alli esteve enquanto durou a aura de caprichosa fortuna de Patrocínio. De volta da Europa, Bilac era a mesma criatura, despreoccupada, fluctuante, simples, a viver no seu mundo de sonho, de poesia e de espirito, alheio á revolução que se operava em torno d'elle, menos no que podia converter-se em materia de graço. Entretanto, as circumstancias fizeram d'elle victima absurda da politica rancorosa daquelles tempos. Collaborador literario d' «O Combate», soffreu a culpa de ser amigo de Pardal Mallet e pagou-a como imaginado cumplice da conspiração numa prisão da fortaleza da Lage.

Attribuiam-lhe uns versos, de que era autor Guimarães Passos, e que celebravam, com as mesmas rimas e fecho em todas as quadras, as attitudes do almirante Custodio de Mello. Dizia a primeira das quadras:

Typo serodio
É amarello
Quem é? Custodio
José de Mello.

Bilac desforrou-se com bonhomia, chacoteando em palestras, depois de solto, o ridiculo dos fanfarrões do poder. A sua vingança não foi além do remoço e não assumiu a fórma de rancor. A simples extravagancia dessa prisão devia pol-o a salvo da suspeita na revolta de 1893; pois ainda ahi elle soffreu. No mesmo dia 6 de setembro, á tarde, encontrei-o em companhia de Guimarães Passos e de um moço, de nome creio que Freire, camarada recente dos dois. A nova da revolta surpreendia-nos a todos e fomos curiosamente observar o que se passava no largo do Paço. Assisti ao jantar dos tres no Hotel Globos e todos commentavamos com espanto e galhofa o novo levante. Dias depois tive a noticia de que, denunciados por aquelle Freire como partidarios de Custodio, Guimarães Passos fóra recrutado e Bilac fugira para Minas. Aquelle Freire foi depois o emissario que levou para Paraná a ordem de fuzilamento de Serro Azul e outros revolucionarios. Bilac permaneceu em Minas até passar a borrasca de delações e, chegando aqui tranquillamente, foi por maior precaução apresentar-se ao chefe de policia, que era seu conhecido. Não o recebeu o chefe e reteve-o preso dois dias. Fui vel-o e passei algumas horas ouvindo-o rir da sua propria ingenuidade e da estupidez medrosa do poder publico. Supponho que entretanto a policia revolvio o seu archivo, á cata do libello de culpa de Bilac, ou porventura machinava na retenção do poeta um motivo de notoriedade do seu zelo pela salvação do Brasil. Bilac sorria surpreso da attribuição perigosa que davam á sua presença. Era como se a uma cigarra, que só se alimenta de orvalho e de sol, attribuissem a acção rasteira e clandestina de uma saúva ou raivosa.

Mas enfim, passaram as revoltas, e effeito da idade ou da

dispersão dos companheiros, a cigarra aprendeu a ser também formiga. Inspector escolar, secretário da Prefeitura, secretário do Congresso Internacional, Bilac foi modelar em diligência, exactidão e methodo de trabalho. Trabalho administrativo, incumbencia que tomasse a seu cargo, particular ou publica, era desempenhada com a nitidez pontilhosa com que elle compunha os seu versos. O artista desdobrou-se também num paciente constructor de dicionario, e o orador academico surgiu um dia constructor de civismo.

MARIO DE ALENCAR.



CAPITAES LITERARIAS NO BRASIL E NA ITALIA.

O desenvolvimento da literatura em São Paulo fez pensar em possiveis rivalidades que nos incompatibilissem com o Rio e o resto do paiz. O incremento das nossas letras corava uma serie de progressos, na generalidade materiaes, que levavam mesmo ao temor dos erumes alheios. João Ribeiro lembrou, a proposito, o phenomeno da «capitalidade» boliviana, entre Sucre e La Paz, que se disputam a primazia entre os grandes «pueblos» do paiz limitrophe. Entre nós, porém, o caso não se complica. Somos, os paulistas, bastante frios para arrebatamentos taes. Frios e um pouco scepticos. Os nossos livros ahi o provam. Qualquer das obras capitaes, que representam a mentalidade paulista, se vasa num scepticismo bem pouco conducente ao que quer que não seja o proprio scepticismo.

Não ha, pois, «capitalidade» literaria em jogo entre São Paulo e Rio. Será extranhavel, surprehendente, talvez, mas não ha. Se despertamos para as letras, despertamos tão naturalmente, como de um longo somno sem entremeio de sonhos que se prolongassem pela realidade além. Para os nossos melhores escriptores e poetas o trabalho literario é uma funcção natural, incapaz de arroubos e transportes. O prazer de crear é nelles como um goso egoista, momentaneo e passageiro. Não tem repercussões nem encadeiamento de um para outro individualino. Ligam-se uns aos outros... pelo isolamento mental. São os melhores amigos do mundo, mas não são «confrades». Reunem-se? Conver-sam? Discutem? Decerto, sim. Fazem piadas e «blagues»... jogam o xadrez. O xadrez é o símbolo, a expressão collectiva, com todos os seus attrativos e maçadas. Que grande ins-

tuição! Escrever um livro é um problema de taboleiro. Editar um livro é um jogo com partido de rainha. Expol-o á venda é ordenar as pedras por brancas e pretas. Xadrez em toda a linha.

E' que somos visceralmente impassiveis? Ou somos o producto da epoca, estes quinze ou vinte annos de transições de toda ordem? Ou resultante do meio physico e social?

Tudo, certamente. O facto é que a «confraria», com muito de social e bem pouco de literaria, diverge de tudo o que se conhece no genero. Tão raro surge um «neophyto» caracterizado! Ora, pela iniciação se conhece a seita. E o não ha «confrades» por falta de confraria ou são, de feito muito especial.

O quanto alcança a observação, o mais que se pode enxergar nas rodas literarias de São Paulo é esta «pose»: não ter «pose». Os homens de letras são homens de tudo, mas não o querem ser de letras. Preferem sel-o de carne e osso, como toda a gente. Serão, com isso, os fortes? Talvez. Se se bastam a si mesmos...

Assim, não seria nesse meio, capaz de correr a gargalhada o primeiro inexperto entusiasta que surgisse, que teriamos o problema da «capitalidade» ou coisa semelhante.

E nisto parecemos mais amadurecidos que povos bem mais maduros que nós. Veja-se a Italia, literariamente dividida em dois campos — Milão e Roma. Auctores milanezes queixam-se de hostilidade em Roma e romanos em Milão. Dramaturgos applaudidos em Milão são pateados em Roma. De lado a lado, a boicotagem literaria e theatral e a conjura do silencio. Fala-se com desprezo em literatura «milaneza», com ironia em literatura «romana».

Entretanto, «a Casa Treves, que sempre foi a maior e a mais auctorisada da Italia não está agora em Milão e não estampa muitissimos livros serios, entre os quaes alguns de importancia nacional? Penseae. Panzini, Pirandello, Deledda... — Alto lá, esses são «romanos». — Estão em Roma mas não são romanos: e se por milanezes e romanos se querem entender os que editam nuna ou noutra cidade, esses devem ser considerados «milanezes»...

Milão é chamada a «capital moral» e milanez quer dizer pornographico, assim como romano quer dizer archaico e tedioso.

A verdade, porém, que nos conta Guido Tonelli, é que acima dessas contendas, as casas editoras de uma cidade e de outra editam obras de toda a parte da Italia. Assim também, ha a considerar no conjunto a notavel acção de Florença, posta á margem do conflicto. De outra parte, no erotismo de Milão ha a consequencia da guerra, de character geral e não local, tão grande lá como allures.

Florença, continua Tonelli, não pode ser esquecida. Embora decahida do seu predomínio literario de antes da guerra, o seu papel se impõe especialmente como introductora da literatura regional. Ora, é exactamente esse o character da literatura contemporanea em suas mais recentes manifestações. Os escriptores abando-

nam a literatura abstracta, critica, esthetica, politica internacional, para estudar a terra natal, a sua região.

O regionalismo, aliás, não é novidade na peninsula. De Manzoni a Verga, de D'Aunzio á Deledda, de Fagazzaro á Serão, de De Amicis a Giacova, no romance, no conto e no theatro, os mais famosos escriptores levaram inspirações da provincia.

E' mais ou menos o que acontece no Brasil. Os escriptores que se fazem no Rio são geralmente productos dos Estados. Já agora, Sylvio Romero talvez, acceusou a capital de estragar os nossos melhores talentos... Já hoje, porém, cessou esse perigo: Os paulistas se fazem em São Paulo e, uos outros Estados, ha o mesmo meio de affirmações regionaes.

Certo parallelismo existe, portanto, entre o phenomeno literario no Brasil e na Italia. A subdivisão do trabalho, de um para varios centros, é, pelo menos, commum, aos dois paizes.

Tradição e novidade em poesia.

Por mais nova que pretenda ser, uma arte não passa de tradição. Musset o disse em desses alexandrinos que uos lembram que, quando se fala na esthetica do verso, Boileau nunca está longe: «C'est imiter quel'un que de planter des choux» — e mesmo quando as plantamos de raiz para o ar — accrescentemos nestes tempos de innovações e de alcebiadismo exasperado. Os gestos são quasi os mesmos que para plantal-os de raiz para baixo.

Não se encontrou ainda o meio de poetar sem palavras. Ora, falar, servir-se de palavras é imitar os mortos, é aceitar uma enorme tradição. Quando um «poeta» publica um poema, em que parece ter empregado trinta palavras tiradas por sorte do dicionario, o simples facto de empregar essas palavras importa na acceitação mais humilde do mais millenario passado. Elle é, com isso, infinitamente tradicionalista, pois lembra nesse momento o longinquo quadrumano, que, juntando o que lhe servia de labios em sua face ainda animal, creou a linguagem para pedir os seios maternos, balbuciando: «Ma... mã...»

A ultima escola, que pretende fazer taboa rasa de todo o passado e recomeçar tudo a partir do primitivismo absoluto, está mal denominada. Em vez de «dadatismo» devia chamar-se «mamatismo». A primeira palavra de quasi todas as linguas é «mamá». «Dadá» já é uma alteração do grito primitivo; «dada» já é decadente.

O que é verdadeiro para as palavras é também para os rythmos. Não se pode exceder a tradição.

Ha trinta annos se repete que ha outros rythmos além dos habituaes. Decerto. Mas esses rythmos são também muito menos perceptíveis. Por isso mesmo são meuos usados.

Sejam empregados no verso livre e aproveitados no verso regular. Mas não se mata nem se matará o verso regular. Aliás, elle se defende muito bem, neste momento.

F. GREGH



HELENA, "a dos braços brancos". HELENA, "a das bellas faces."

É uma rude mulherzinha. De que não triumpharam sua vida e sua memoria?

As guerras, os seculos, as revoluções, os conflictos mundiaes, as mais espantosas carnificinas, nada pôde alterar o seu bom humor, nem gelar o seu sorriso. Mulher que, viva, não resistiria a nenhum homem, resistiu depois a todos os acontecimentos. É um destino vantajoso, mas injusto.

Sei bem que Helena era de excelente familia. Filha de Zeus e de Leda, irmã dos Dioscuros, mais conhecidos no mundo mythologico sob o nome de Castor e Pollux, era, ainda, esposa legitima do rei Menelau, cujo infortunio não concorreu pouco para a sua gloria.

Mas se Helena muito deve ao esposo, devo ainda mais á Fatalidade, de que, pode-se dizer, foi a primeira grande atalaia. Nenhum destino se enfeitou do tantas graças como o seu. Amaram-na Ulysses, Ajax e Diomedes, o que prova que sua influencia abraçava os meios diplomaticos, militares e esportivos. Toda a chronica de sua existencia tão cheia poderia ter-nos sido transmittida de maneira mediocre e villã, talvez. Mas Helena conheceu a suprema ventura de ser

cedida pelos historiadores aos poetas, que lhe puzeram ao serviço mais mentiras do que ella teria tido tempo de engendrar no decurso de sua vida radiante de mulherzinha fatal.

Graças a elles e segundo a tradição, que nem sempre é tão bem educada, Helena passa por ter sido de incomparavel belleza. A sua oabelloira de um louro ardente, na radiosa obscuridade das noites hellenicãs, juntava sua luz á das estrellas. Ella era Helena, «a das bellas faces», Helena «a dos braços brancos». O que ella tinha de mais acabado, parece, eram os supercilios, entre os quaes apontava uma pinta. A opereta negligenciou essa particularidade, que no entanto parecia pertencer-lhe.

Mas, além desses admiraveis dons physicos, Helena possuia outro, ainda mais irresistivel: tinha sorte. Seguiu docilmente a linha de má conducta que é o caminho mais curto de um deus a outro e de tal modo soube avir-se que os seculos se escandalisaram o menos possivel. A posteridade fez muitas coisas; colheu a lembrança de todas essas aventuras em narrativas seductoras e escabrosas para os homens, de todas reservando, para uso das familias, interpretações quasi edificantes. Assim é que, para certos commentadores de Homero, Páris não conseguiu vencer a resistencia de Helena senão tomando as feições de Menelau, de tal modo que esse rapto illustre não teria sido mais que o mais tocante exemplo de felicidade conjugal.

Moreceu Helena tão constante felicidade? Não se ousaria affirmar. Desencadeiou, com effeito, a mais temerosa e a mais longa das guerras da antiguidade, sem parecer de qualquer modo contrariada. Para sustar a carnificina, ter-lhe-ia bastado cobrir com

um véu tenue as espaldas divinamente nitas, ou cessar de sorrir um momento. Ella sabia, porém, que era «a dos braços brancos» e que sorria deliciosamente... Continuou. Não lhe desagradava que, para a conquista da sua pessoa, povos se entre-matassom e reocorresse a invensões mais mortíferas que os seculos seguintes se contentaram em aperfeiçoar. Se isso se pensa, não é o cavallo de Troia o primeiro «tank»?

Não obstante, a antiguidade toda concordou em absolver Helena. Os velhos amigos do mais velho Priamo não acharam em sua sabedoria razões bastantes para maldizel-a. Lougedisso. Escapos á mobilisação pelo numero de seus annos, reuniam-se de costume ás portas da cidade. Ahi trocavam impressões sobre o ultimo eomunicado. «Sua voz era igual a das oigarras, que na florista, sobre os ramos das arvores, fazem ouvir os seus doces accordes». Quando viram approximar-se Helena, dando breguas ás discussões estrategicas, endereçaram uns aos outros estas palavras aladas: — «É justo que Troyanos e Acheanos soffram por muito tempo males innumeros por tal mulher, porque ella tem o semblante de uma deusa immortal...» Eis, segundo Homero, o que de Helena pensavam os olhos da retaguarda. Não nos transmittin elle, ó vordade, o que della so dizia nas primeiras linhas. É muito provavel que ahi se exclamasse: «Por Jupiter! Temos a couraça cheia desta filha de cyano!» Tudo é uma supposição, Helena de nada soube. Nenhum murmúrio descortez chegou aos seus ouvidos. E em meio ao estrondar dos exercitos em marcha, continuou a sorrir.

R. DE FLEIS

ACABA DE APPARECER

SAPEZAES E TIGUERAS

CONTOS POR AMANDO CAIUBY

PREÇO 4\$000

PELO CORREIO MAIS 500 RÉIS

PEDIDOS AOS EDITORES:

MONTEIRO LOBATO & C.

RUA BOA VISTA N. 52
Caixa, 2-B — S. PAULO

EDIÇÕES DA

Sociedade Editora Olegario Ribeiro

AMADEU AMARAL

A Pulseira de Ferro (novella) 1\$000
Um soneto de Bilac (critica) 2\$000

MONTEIRO LOBATO

Os Negros (novella) 1\$000

LÉO VAZ

Ritinha (novella) No prélo

GUSTAVO BARROSO

Mula sem cabeça (novella) No prélo

A. DE SAMPAIO DORIA

O que o cidadão deve saber (10.º milheiro) 3\$000

F. T. DE SOUZA REIS

A Divida do Brasil (estudo historico) . . . 4\$000

WALDEMAR FERREIRA

Manual do Commeciante 8\$000
Estudos de Direito Commercial 10\$000
A Hypotheca Naval no Brasil 3\$000

AUCTORES DIVERSOS

O que todo o commerciante precisa saber
(10.º milheiro) 2\$000
Almanach Commercial Brasileiro de 1918 6\$000

NICOLAU ATHANASSOF

Os Suinos, manual do criador de porcos
(2.a edição, 8.º milheiro) 3\$000

OS PEDIDOS DO INTERIOR DEVEM TRAZER MAIS 10 o/o PARA O PORTE

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO

Rua Dr. Abranches, 43 - Caixa Postal 1172 - SÃO PAULO

EDIÇÕES DA "Revista do Brasil,"

	Broch.	Encad.		Broch.	Encad.
NEGRINHA, contos por Monteiro Lobato	2\$500	3\$500	DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, interessante narrativa pelo Visconde de Taunay	4\$000	5\$000
URUPÉS, contos por Monteiro Lobato, 6.a edição	4\$000	5\$000	MADAME POMMERY, romance satyrico, por Hilario Tacito	4\$000	—
CIDADES MORTAS, contos por Monteiro Lobato, 2.a edição	4\$000	5\$000	BRASIL COM S OU COM Z, por F. Assis Cintra	3\$000	—
IDÉAS DE JÉCA TATÚ, critica por Monteiro Lobato, 2.a edição	4\$000	5\$000	VIDA OCIOSA, romance por Godofredo Rangel	4\$000	5\$000
NARIZINHO ARREBITADO, livro de historias para crianças, por Monteiro Lobato		3\$500	OS CABOCLOS, contos por Valdomiro Silveira	4\$000	5\$000
POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRÁSIL, estudo de sociologia por F. J. Oliveira Vianna	8\$000	10\$000	HISTORIAS DA NOSSA HISTORIA, por Viriato Corrêa	3\$500	4\$500
PROFESSOR JEREMIAS, por Léo Vaz, 3.a edição	4\$000	5\$000	ESPHINGES, versos de Francisca Julia	5\$000	—
VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ, romance por Lima Barreto	2\$000	—	SCENAS E PAISAGENS DA MINHA TERRA, versos caipiras de Cornelio Pires	5\$000	—
LIVRO DE HORAS DE SOROR DOLOROSA, poesias por Guilherme de Almeida	5\$000	—	CASA DE MARIBONDO, contos, João do Norte	3\$000	—
ALMA CABOCLA, versos de Paulo Setubal, 2.a edição	3\$000	4\$000	PAIZ DE OURO E ESMERALDA, romance, J. A. Nogueira	4\$000	—

PEDIDOS PARA O INTERIOR,
MAIS 10 o/o PARA O PORTE

Pedidos aos Editores: Monteiro Lobato & C., Caixa 2-A - S. PAULO

A NOVELLA NACIONAL

Volumes publicados:

A NOVELLA NACIONAL é uma série de pequenos livros, nos quaes se mira ao seguinte escopo: offerecer a melhor leitura, sob a apresentação mais artistica, ao preço mais barato possível. Os objectivos desta publicação, de que é director o sr. Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) podem assim, condensar-se no lemma — LIVRO BOM E BONITO AO ALCANCE DE TODOS.

Apparece approximadamente um volume por mez, com cerca de 80 paginas, no formato 16 1/2 × 12 1/2 centimetros, impresso em magnifico papel e illustrado com numerosas e artisticas gravuras, contendo uma obra completa de auctor conhecido.

A Pulseira de Ferro por AMADEU AMARAL, o successor de Olavo Bilac, na Academia Brasileira. "*E' no genero uma verdadeira obra prima*," — disse desta novella o grande poeta Alberto de Oliveira.

Os Negros por MONTEIRO LOBATO, o celebre creador de Jéca Tatú. Estão no prélo mais dois volumes:

Ritinha por LEO VAZ, o festejado auctor do "Professor Jeremias", romance que obteve o maior successo literario da actualidade, alcançando tres edições em poucos mezes.

Mula sem cabeça por GUSTAVO BARROSO, o famoso escriptor cearense, auctor da TERRA DO SOL, HEROES E BANDIDOS e outras joias literarias já sobejamente conhecidas e apreciadas.



A seguir novellas de:

Coelho Netto,
Afranio Peixoto,
Waldomiro Silveira
Cornelio Pires e outros.

Cada volume 1\$000 em todas as livrarias. Pelo correio, registrado 1\$300.

Assignaturas com direito a receber todos os volumes registrados:

Série de tres novellas 3\$500; série de seis novellas 7\$000; série de doze novellas 14\$000.

Pedidos á

Sociedade Editora
Olegario Ribeiro
Rua Dr. Abranches N. 43
Caixa, 1172 - SAO PAULO

OS NEGROS

21



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).